



Rui Barbosa e a Matemática Presente no Parecer da Reforma do Ensino Primário (1883): O Estudo Particular do Desenho

¹Marcos Denilson Guimarães

¹Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP - Brasil

markito_mat@hotmail.com

Palavras-chave:

Rui Barbosa; Parecer; Matemática; Ensino do Desenho; História da Educação Matemática.

Keywords

Rui Barbosa; Opinion; Mathematics; Teaching of the drawing; History of Mathematics Education

RESUMO

O presente texto buscou examinar o parecer da Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública, publicado no ano de 1883, pelo intelectual baiano Rui Barbosa (1849-1923). Objetivou-se compreender e identificar que ideias e justificativas foram elaboradas por ele para o ensino do Desenho, considerado um dos mais importantes componentes necessários à formação dos alunos da escola elementar primária. A análise efetuada mostra que o ensino desse saber era visto como sinônimo de progresso e crescimento econômico e social dos países mais adiantados nos quais o Brasil deveria se espelhar. Aponta também que, baseando-se sobretudo em referências francesas, o Desenho era tomado como instrumento de ordem prática voltado às necessidades do mundo moderno que exigia hábeis e excelentes trabalhadores nas profissões que demandavam uso e aprendizado do mesmo. Enfim, tratava-se de um saber acessível a todos cuja entrada em sala de aula deveria representar antecedência à escrita, auxílio a outros ramos de ensino, desenvolvimento da observação e gosto pelo belo.

ABSTRACT

This paper has as target to analyse the point of view of the Reform of Primary Education and Several Complementary Institutions of the Public Instruction published in 1883, by the intellectual Rui Barbosa (1849-1923), born in Bahia. It was aimed to understand and identify which ideas and justifications have been produced by him for the teaching of Drawing, considered one of the most important components required to the training of students of elementary school. These analysis shows the teaching of this knowledge was seen as synonymous with progress and economic and social growth of the most advanced countries in which Brazil should mirror. It also points out that, based mainly on frenchs studies, the Drawing was taken as a practical instrument applied to the needs of the modern world, which demanded skilled and excelente workers in the occupations that required the use and learning of it. Finally, this was a knowledge accessible to everyone and that its entry into the classroom should represent prior to the writing, aid to other branches of education , development of observation and taste for beautiful.

Considerações Iniciais

O presente trabalho tem como proposta examinar o parecer da Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública (1883) elaborado pelo estudioso e intelectual baiano Rui Barbosa (1849-1923) na tentativa de compreender e identificar as ideias consagradas ao ensino do Desenho. Buscar-se-á, neste sentido, trazer à luz as justificativas elencadas por ele para dar ao Desenho uma importância considerável neste parecer e lugar entre as matérias componentes da escola elementar primária.

Cabe logo destacar que nossa intenção não consiste em apresentar uma biografia de Rui Barbosa, visto tratar-se um caminho já adotado por muitos historiadores da educação¹, embora em alguns momentos seja imprescindível situá-lo no tempo e no espaço como referência à sua importante atuação como ator literário e político. Nesse caso, nossa intenção é debruçar o olhar sobre a parte matemática² do Desenho observando atentamente para a conjectura de que sua análise se dá a partir da leitura de obras estrangeiras.

Considerada por Souza (2000) como uma das primeiras obras e também mais completa sobre a organização pedagógica da escola elementar primária, bem como, sobre política de educação popular já produzida no Brasil nas décadas finais do século XIX, o parecer acerca da Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública (examinaremos neste artigo, o volume X, Tomo II, 1946 das Obras Completas de Rui Barbosa publicado pelo Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro), abarca as discussões sobre a *Liberdade de ensino* e sobre o *Método e Programa Escolar*. O que nos interessa é justamente o verbete Métodos e Programa Escolar, sobretudo, a parte reservada ao Desenho³.

Reforma do Ensino Primário: Contexto e Alguns Elementos da Produção

Diferentes questões relativas ao ensino primário, sobretudo, à organização político-pedagógica da escola primária constituíram um dos focos mais importantes de discussão pelos historiadores da educação de finais do século XIX. Tal empreendimento esteve associado ao pensamento de que essa escola renovada fosse a cura para os males causados à educação das crianças do período Imperial (1882-1889).

Ao incorporarem boa parte dos elementos implicados na modernização educacional em voga, dos diferentes países considerados civilizados, os republicanos tinham como proposta

¹Tomamos como exemplo, os trabalhos de Rozante (2013), de Mormul e Machado (2013) e de Bastos (2000).

²Embora saibamos da existência do conteúdo denominado *Matemáticas Elementares, Taquimetria*, para esta escrita buscamos priorizar somente à parte destinada ao ensino do Desenho.

³Esta contém a seguinte divisão: Escola Normal Nacional de Arte Aplicada: Caráter, distribuição, método do desenho na escola; A que mestres cabe, na Escola Primária, o ensino do desenho?; Sistema de formação do professorado; Classes e Escolas de Arte.

e elevar a escola popular à condição de redentora da nação e instrumento de progresso, modernização e mudança social por excelência. Mais ainda, a ela “foi atribuído o importante papel de formação do cidadão republicano, da consolidação do novo regime e de promoção do desenvolvimento social e econômico” (SOUZA, 2004, p.1).

Nesse espírito, passaram a ser objetos de reflexão política e pedagógica os métodos de ensino, os conteúdos, os programas e as disciplinas componentes, a classificação dos alunos, os materiais escolares, a formação de professores, etc (SOUZA, 2000). Todo esse aparato amplamente divulgado pelas conferências pedagógicas, exposições universais, pelos congressos de instrução pública, publicação de livros, jornais e revistas, ensejava a renovação do ensino e a criação de uma escola graduada direcionada para a escolarização em massa.

Segundo a pesquisadora Marta Carvalho tal pluralidade de informações e de materiais pedagógicos foi denominado pela historiografia educacional de cartografia dos circuitos internacionais. O objetivo desta iniciativa era pôr em “evidência os dispositivos de regulação de um modo escolar de educação, encenado em práticas e artefatos culturais” (CARVALHO, 2011, p.192).

Ela ainda explica:

As evidências de que o Brasil se inscreve nesse circuito internacional, a partir da segunda metade do século XIX, são múltiplas. A geração de homens ilustres e ilustrados que assistiu ao fim do Império e à invenção da República empenha-se na modernização do país, fundando escolas e organizando sociedades destinadas a propagar a instrução popular. Essa geração concentra seu interesse de modernização do país em iniciativas de institucionalização de inovações pedagógicas que vinham, por toda parte, imprimindo um novo perfil às iniciativas de instrução pública (CARVALHO, 2011, p.192).

É justamente neste contexto de homens ilustres e ilustrados empenhados em transformar o Brasil pela força da educação que desponta a importante figura do intelectual baiano Rui Barbosa. Pela defesa de uma educação para as massas populares e de uma, consequente, modernização do país, em face do seu atraso em comparação a outros países, Rui Barbosa apresenta no ano de 1883 uma extensa produção: a *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública (1883)*⁴, considerado por Johnson (1977) como o mais completo do gênero da educação brasileira.

Na opinião de Lourenço Filho tal parecer não esteve somente restrito ao exame das questões de organização e de administração desse grau de educação comum. Além de ter mostrado a situação geral do ensino no país por meio de volumosos dados estatísticos, sensibilizou-se também pela criação de um ministério de Instrução Pública, pelo problema da

⁴Tomaremos aqui, como já foi explicitado no início deste trabalho, a publicação de 1946.

obrigatoriedade do ensino elementar, da liberdade e laicidade do ensino. Além do exame aos métodos e aos programas, “apresentando, de modo especial, os fundamentos biológicos, psicológicos e sociais do ensino intuitivo, ou das ‘lições de coisas’, para só depois estender-se sobre a didática popular, a da educação física, [...], *do desenho*, da língua materna, gramática [...]” (LOURENÇO FILHO, 1956, p.84, *grifo nosso*).

Questões como essas levaram Rui a propor um padrão pedagógico baseado num programa enciclopédico fundamentado no princípio da educação integral assentado na tríade: corpo, inteligência e sentimento. De fato, pretendeu fazer uma reforma dos métodos e dos mestres que desse conta de renovar o método de forma orgânica, substancial e absolutamente nas escolas que faziam a população vítima e escrava de um ensino meramente abstrato, morto, de palavras, palavras e só palavras (BARBOSA, 1946). Em outras palavras, pensava em ajustar as matérias escolares às necessidades da vida moderna, do desenvolvimento econômico e social do país. Um exemplo disso é o ensino do Desenho, como veremos adiante.

O Ensino do Desenho: Instrumento Técnico, Prático e Pedagógico e a Circulação de Modelos

Neste tópico inicialmente apresentamos a maneira como Rui Barbosa teceu suas argumentações e, expôs seus pensamentos para justificar a escolha do Desenho como uma das matérias necessárias à formação primária dos alunos. Num momento posterior, buscamos identificar as referências tomadas e quais processos, sejam eles históricos e/ou pedagógicos, estiveram atreladas à essas escolhas.

Ciente da necessidade de propagar uma educação escolarizada que atendesse aos imperativos urgentes da população, tornando-a culta e ao mesmo tempo, engajada na formação para o trabalho, Rui advogava um rompimento com o passado, isto é, com a escola da tríade do ler, escrever e contar, que, ao que tudo indica, não mais correspondia à realidade brasileira. A esses saberes deveria ser acrescentado um outro saber: o Desenho.

Nesse sentido, uma das conclusões a que chegou Lourenço Filho no prefácio que escreveu em seu livro “A pedagogia de Rui Barbosa”, de 1956, Edições Melhoramentos, foi a seguinte:

Aí é apresentado também um curioso problema, insignificante na aparência, mas, pelas reflexões a que pode conduzir, de grande importância na apreensão do pensamento de Rui em matéria de educação: *o da manifesta preferência que concedeu ao ensino do desenho*, no qual, por muitos aspectos, vem a encontrar-se o plano de interseção de todas as ideias pedagógicas que defendeu (LOURENÇO FILHO, 1956, p.12, *grifos nossos*).

Buscando melhor compreender o porquê de Rui ter dado mais preferência ao ensino do Desenho que as demais matérias, vejamos os indícios reais encontrados em seu parecer.

Antes mesmo de finalizar o tópico “Métodos e programa escolar”, Rui já sinaliza uma defesa prévia da utilização do desenho nos anos iniciais. Na crítica que tece acerca dos programas de ensino atuais que colocam a leitura e a escrita no primeiro estágio do ensino, revela que a imitação plástica e gráfica das formas, na ordem do desenvolvimento humano, precedeu a escrita. Esta representação pitoresca, puramente ideográfica, representando ideias abstratas por meio de imagens sensíveis, já pressupunha, para ele, a arte de figurar as formas visíveis das coisas. À essa ordem anunciada por ele, refere-se a seguinte descrição:

Todos os meninos desenhavam, por um natural pendor dos mais enérgicos instintos dessa idade. Modelar formas, e debuxar imagens: eis a primeira e a mais geral expressão da capacidade criadora nas gerações nascentes. *Cabe, pois, ao desenho, no programa escolar, precedência à escrita, cujo ensino facilita, e prepara.* Racionalmente, naturalmente, à leitura antecede a escrita, e à escrita o desenho e a modelação (BARBOSA, 1946, p.64, *grifos nossos*).

Por esta citação, nota-se que Rui sustenta a ideia de que na ordem do desenvolvimento humano, na progressão natural das coisas, o desenho e a modelação⁵ devem proceder a escrita, acelerando-a com singular rapidez e influenciando no caráter da letra.

Esse mesmo desenho cumpriria o papel de responsável pelo auxílio a outros ramos de ensino (como por exemplo, a escrita, a aritmética, a geometria e a geografia), visto como indispensável à perícia especial do futuro operário e à prosperidade mercantil de um país. A isso, acrescenta-se, o poder de dá a mão, ao olho e ao espírito uma educação de que todos têm necessidade, inclinando a criança à ordem e a precisão do movimento, bem como, à observação e à educação da vista, produzindo como resultado o gosto do belo pelos objetos da natureza e da arte.

Do conjunto de argumentos e autoridades angariados por meio das leituras e relatórios apresentados em congressos internacionais e nas exposições universais, Rui lista seis defesas para o ensino do desenho, algumas delas já comentadas anteriormente:

- 1º. Que o desenho é um dote acessível a *todos os homens*, e não um privilégio dos artistas por vocação e profissão;
- 2º. Que, na ordem pedagógica, bem como na ordem histórica, o desenho *precede a escrita*;
- 3º. Que o seu ensino deve principiar desde os primeiros passos da criança na cultura do espírito, isto é, *desde a entrada no Kindergarten*;
- 4º. Que, longe de sobrecarregar o programa, ele o ameniza; longe de retardá-lo, *só lhe faz ganhar tempo*; longe de dificultar os outros estudos, *facilita-os, e auxilia-os enormemente*;

⁵Considerou também a ideia de número como um dos primeiros elementos constituintes da educação positiva e fundamental na organização do programa escolar, por meio do cálculo ensinado a partir de combinações e aplicações concretas.

5º. Que é um elemento *essencial* ao cultivo das faculdades de observação de invenção, de assimilação e retenção mental;

6º. Que a sua generalização como *disciplina inseparável da escola popular* é uma das forças mais poderosas para a fecundação do trabalho e o engrandecimento da riqueza dos Estados (BARBOSA, 1946, p.124, *grifos do autor*).

Nota-se que o desenho é tomado tanto do ponto de vista profissional, nesse caso, visto como uma necessidade imperiosa para o exercício das profissões manuais, como por exemplo, para o trabalho que é desenvolvido pelo desenhista, pelo escultor, pelo mecânico; quanto do ponto de vista pedagógico, conteúdo imprescindível para a formação da personalidade de crianças e jovens em idade escolar.

Além de certa apreensão, vê-se explicitamente o aparente entusiasmo de Rui em apresentar o lugar e o potencial educativo do Desenho. Tomando a via dos países civilizados, declara as exposições universais como reveladoras desta verdade.

Em suma, o valor do desenho como instrumento educativo, como princípio fecundante do trabalho não tem cessado de crescer, assumindo as proporções, que hoje a civilização lhe reconhece, de uma das bases primordiais da cultura escolar e de um dos propulsores mais essenciais ao desenvolvimento econômico dos Estados (BARBOSA, 1946, p.108)

Todavia, em nosso país, esse movimento não se deu com a mesma rapidez e concretude. E justifica:

[...] vivemos ainda, no Brasil, sob o domínio do erro crasso que vê no desenho uma prenda de luxo, um passatempo de ociosos, um requinte de distinção, reservado ao cultivo das classes sociais mais ricas, ou à vocação excepcional de certas naturezas privilegiadas para as grandes tentativas de arte. Não percebem que, pela simplicidade das suas aplicações elementares, ele tem precedência à própria escrita; que representa um meio de fixação, reprodução e transmissão de ideias indispensável a todos os homens, e especialmente indispensável às classes laboriosas; que as aptidões naturais, de que depende o seu estudo, são comuns a todos os entendimentos, e de uma vivacidade particularmente ativa nos primeiros anos da existência humana (BARBOSA, 1946, p.108-109).

Desse modo, longe de ser o único porta-voz desta discussão, Rui nos apresenta um panorama mundial baseado em dados econômicos, sociais e políticos desses países e, concomitantemente, faz um apelo comparativo à situação brasileira. Assim como a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Áustria, apresentaram resultados significativos na produção industrial por causa da inserção do desenho e da arte, reconhecendo nele, um instrumento educativo, princípio fecundante do trabalho e umas das bases primordiais da cultura escolar e propulsores do desenvolvimento econômico dos estados (BARBOSA, 1946) ambicionava ver isso acontecer no Brasil.

Desse modo, afim de “desenhar” um novo padrão de ensino para a escola primária elementar brasileira, Rui utiliza-se de várias referências para justificar suas escolhas. Na tabela

que segue, são apresentados o quantitativo de trabalhos que aparentemente foram lidos e tomados como sinônimos da modernidade e inovação até então em voga.

Ano	Quantidade de trabalhos por ano	Quantidade de trabalhos por país	
1882	42	Textos em língua francesa	179
1881	33	Textos em língua inglesa	129
1880	67	Textos em língua portuguesa	26
Sem data	66	Textos em língua alemã	5
Data anterior	157	Textos em língua italiana	4
Total	365	Textos em língua espanhola	5

Tabela 1: Parecer de Reforma do Ensino Primário – quantidade de trabalhos por ano e por país
Fonte: A pedagogia de Rui Barbosa, 1956.

Do registro desta Tabela 1 pode-se observar inúmeras informações. Duas delas referem-se a quantidade excepcional de trabalhos supostamente lidos por Rui, total de 365, distribuídos entre as décadas finais do século XIX e a superioridade de textos em língua francesa comparativamente aos de língua inglesa.

Dessa maneira, ao traçar um quadro comparativo entre as versões do parecer publicado em abril e, em seguida, da segunda versão publicada em setembro de 1883, Lourenço Filho concluiu que

O acréscimo dos trabalhos em francês, explica-se pela utilização de memórias apresentadas no Congresso Internacional de Ensino, reunido em Bruxelas, dois anos antes, e assim também pelos relatórios de HIPPEAU e BUISSON, dos primeiros estudos de educação comparada que o mundo conheceu, e pela citação dos trabalhos parlamentares da reforma do ensino em 82, na França (LOURENÇO FILHO, 1956, p.48, GRIFOS DO AUTOR).

Em relação a tudo isso, a justificativa dada por Lourenço Filho foi que ao redigir o primeiro relatório, Rui não devia dispor do material que teve para o segundo. Dessa maneira, pergunta-se: onde Rui buscou tal material? Em que momento e por qual objetivo fez isso?

Embora não tenhamos as respostas de pronto é interessante atentar para o que diz Lourenço Filho:

Estas observações e confrontos evidenciam a espantosa capacidade de trabalho de Rui. Muitas obras, sobretudo as de caráter geral, seriam conhecidas por ele; deve-se crer, também, que alguns estudos particularizados já o fossem. Mas a grande massa de material citado, a variedade de seus assuntos, e a admirável propriedade com que apresenta as transcrições ou comentários, tudo é, na verdade, de causar assombro. O exame da bibliografia utilizada nos pareceres, daria, por si só, matéria para estudo especial (LOURENÇO FILHO, 1956, p.48).

Nota-se assim que ao mesmo tempo em que existe um discurso cauteloso, uma desconfiança sutil, em admitir a grande capacidade de conhecimento que teve Rui expressa em

linhas gerais pela variedade de assuntos e pela leitura e tradução de muitas obras em língua estrangeiras, tem-se seu mérito reconhecido.

Sem pretendermos analisar neste texto cada referência e o modo de apropriação das diferentes ideias adotadas por Rui, visto tão quão extenso foi seu plano⁶ - vemos nisso, um tipo de estudo para um outro momento -, apresentamos a seguir alguns dados concernentes as principais referências vinculadas somente ao ensino do Desenho. Vale ressaltar que tais referências não são exclusivas ao momento reservado ao ensino do Desenho. Há casos em que elas aparecem em outros lugares para tratar de outros assuntos também importantes na construção geral do parecer. Vejamos sua representação na tabela seguinte na qual priorizamos os principais autores, suas respectivas obras e as datas de publicação dos textos.

Autor	Obra	Ano
Charles B Stetson	Modern Art Education	s/d
Thomas Braun	L'enseignement primaire à l'exposition internationale de Paris de 1878	1880
Félix Regamey	L'enseignement du dessin aux États-Unis	1881
Ferdinand Buisson	Rapport sur l'instruction primaire à l'exposition universelle de Philadelphie en 1876	1878
	Rapport sur l'instruction primaire à l'exposition universelle de Vienne en 1873	1875
Walter Smith	Art Education – Scholastic and Industrial	1873
George Ward Nichols	Art Education applied to industry	1877
Célestin Hippeau	L'instruction publique en Allemagne	1873
Joaquim de Vasconcelos	Reforma do Ensino do Desenho	1879
Joseph Langl	Austrian Official report on the Vienna World's Fair of 1873	1873
Jules Simon	Introduction aux rapports du Jury Internationale (Exposition Universelle de 1878)	1880

Tabela 2: Referências ao ensino do Desenho no parecer da Reforma do Ensino Primário
 Fonte: Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946
 (Obras Completas, v. X, t.II)

Observando atentamente o conteúdo desses dados, percebe-se que Rui fiel às suas pretensões e veemente convencido de que a reforma educacional era o caminho mais viável de efetuar a mudança social, política e técnica tão desejada, traça seu estudo a partir das ideias que circularam nos principais países de referência, ou seja, naqueles impérios considerados

⁶Para Lourenço Filho, os pareceres podem ser divididos nos seguintes aspectos: princípios filosóficos e político-educacionais, de organização escolar, da técnica do ensino, da educação comparada, dos estudos de estatística escolar, etc.

mais avançados em termos do estudo e da riqueza propiciada pela utilização do desenho na produção artístico-industrial, essencial para o progresso econômico de cada país.

Vale destacar que, nesse caso, as obras apresentadas não foram dispostas obedecendo uma ordem de vezes em que foi citada. Todavia, em termos quantitativos de vezes citadas destaque para as obras de Vasconcelos (1879), de Smith (1873), de Stetson (s/d), de Braun (1880), de Regamey (1881), de Buisson (1878), etc.

Nota-se também que mesmo tomando parte do trabalho (a saber, Tomo II, verbete Método e Programa Escolar, subtópico Desenho, recorte apresentado) persiste uma hierarquização do quantitativo de trabalho por país: primeiro os de língua francesa e depois os de natureza inglesa. Em suma, no entendimento de Lourenço Filho (1956),

Tão variado e abundante material não se apresenta apenas justaposto, mas coordenado, organizado, realmente assimilado. E isso porque há, na obra, impondo-lhe ordem e perspectiva, clareza e definição, uma concepção filosófica que a tudo presidia no espírito do autor (LOURENÇO FILHO, 1956, p.53).

Tal concepção filosófica esteve atrelada aos fins da educação que desejou para o nosso país. Nesse sentido, cada um destes autores tem muito o que nos contar sobre a forma como organizou o pensamento em torno da defesa do ensino do Desenho e, de um modo geral, os aspectos particulares de uma educação concebida como moderna. Num outro momento, interessa-nos identificar que apropriações foram feitas por Rui para estabelecer um padrão pedagógico para o caso brasileiro. Porém, tal discussão poderá ser o pretexto para um próximo trabalho.

Considerações Finais

Neste trabalho buscamos examinar o parecer da Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública elaborado pelo intelectual baiano Rui Barbosa, no ano de 1883, com o objetivo de compreender e identificar as ideias mobilizadas por ele para justificar o ensino do Desenho.

A leitura deste documento revela uma exacerbada preocupação com o processo de modernização e progresso de diferentes países considerados civilizados e nos quais o Brasil deveria tomar de exemplo, principalmente quando o assunto era o Desenho, símbolo do poderio artístico-industrial e da riqueza de tais países.

Inserido nesse processo de circulação de ideias acarretadas pelas exposições pedagógicas universais e pelos próprios relatórios apresentados nos espaços de difusão dos

saberes elementares concernentes ao ensino primário, Rui ao fazer uma história comparada da educação desses países se mostra profundo conhecedor de vários autores e significativas obras. Aparentemente debruçou-se sobre tais leituras fornecendo elementos para pensar a nossa educação.

Dando ao desenho, um especial destaque entre os outros saberes, Rui aponta algumas das finalidades que esse ensino poderia provocar. Primeiro, o desenho era tido como elemento de finalidade prática pela importância na cultura geral em todos os graus e, base de toda educação técnica e industrial. Para o operário, a aprendizagem do desenho era tão necessária quanto à leitura e à escrita. Outra defesa era seu auxílio a outros ramos de ensino, ou seja, poderia fazer parte do estudo da aritmética, da geometria e da geografia, visto como indispensável à perícia especial do futuro operário e a prosperidade mercantil do país, bem como, um disciplinador do espírito, da mão e do olho, inclinando a criança à ordem e precisão.

Para isso, tomou como referência, sobretudo, os trabalhos em língua francesa e, em seguida os trabalhos de língua inglesa. Todavia, que tipo de apropriação fez de todo esse material coletado? Quais categorias de apropriação poderão emergir de uma análise mais detalhada desse processo?

Referências

- BARBOSA, R. Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública. **Obras Completas de Rui Barbosa**. Vol. X. 1883, tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.
- BASTOS, M. H. C. Ferdinand Buisson no Brasil – pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas (1870-1900). In: **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, 2000, pp.79-109.
- CARVALHO, M. M. C. Pedagogia moderna, pedagogia da escola nova e modelo escolar paulista. In: PINTASSILGO, J. (Org.). **Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2011. v. 1. pp.185-212.
- JOHNSON, P. B. **Rui Barbosa e a reforma educacional: “as lições de coisas”**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa Rui Barbosa, 1977.
- LOURENÇO FILHO, L. **A pedagogia de Rui Barbosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1956.
- MORMUL, N. M.; MACHADO, M. C. G. **Rui Barbosa e a educação brasileira: os pareceres de 1882**. Cadernos de História da Educação (UFU. Impresso), v. 12, p. 277-294, 2013.
- ROZANTE, E. L. **A educação dos sentidos no método de ensino intuitivo e o caso das escolas públicas isoladas de São Paulo (1889-1910)**. Tese de Doutorado, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- SOUZA, R. F. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. In: **Cadernos Cedes** (UNICAMP), Campinas, v.51, p.33-44, 2000.
- _____. Lições da Escola Primária: um estudo sobre a cultura escolar paulista ao longo do século XX. In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2004, Curitiba. Cadernos de Resumos do III Congresso Brasileiro de História da Educação. Curitiba, 2004.

